

Contrabando em

O estranho caso das imagens

Reportagem de



O PROF. Alarich Schultz meteu a lâmina no microscópio; adaptou-a à câmara fotográfica: estava garantida a microfotografia.

HA quase cem anos o porto-alegrense vê diariamente aquelas imagens. Primeiro, foi na casa funerária de Jerônimo Calçada, na Ilha de Bragança, que as comprara não se sabe de quem. Depois, na de Manoel Luiz Postiga, um menino natural da Povoia de Varzim, o lugar onde nasceu Eça, e que veio "fazer a América" no Rio Grande do Sul, com nove anos de idade. De 1918 até agora, na firma Viúva Postiga & Cia., que ainda hoje está localizada na Praça do Portão.

São um par de tocheiros que tiveram sua época. Concorreram para o brilho e imponência dos funerais de quanta gente importante morria nesta mui leal e valerosa Póvoa Alegre, inclusive de Dom Sebastião Dias Laranjeira em 1888, primeiro bispo do Estado.

Mas ninguém tivera ainda a curiosidade de "olhar" para elas. Até que um dia o repórter, metido a historiador, não se conteve mais diante da solicitação de muito tempo. Entrou, pediu licença e começou a rodá-las. Olhou-as, com sua roupagem de madeira farta e rebuscada, com seu ventre de polichinelo que quer passar por

burguês sério, e se plantou a "bater-lhes com o nó dos dedos, no peito, nos ombros, nas costas. Estava para dizer que ia até auscultá-las, quando a percussão nas costas trouxe a revelação do suspeito: as duas imagens apresentavam cavernas no pulmão!

Então, o repórter, transformado em médico dos bonecos de pau, de mansinho para não causar escândalo, conversa com muito jeito com os donos da casa. Com muito jeito, porque não quer perder um "caso" tão interessante assim. Por felicidade, Jaime Postiga e Raulo Rulhão, que dirigem a firma, são pessoas arejadas. Apesar do espanto causado pela comunicação, não relutam diante da ideia de uma sondagem por toracoplastia:

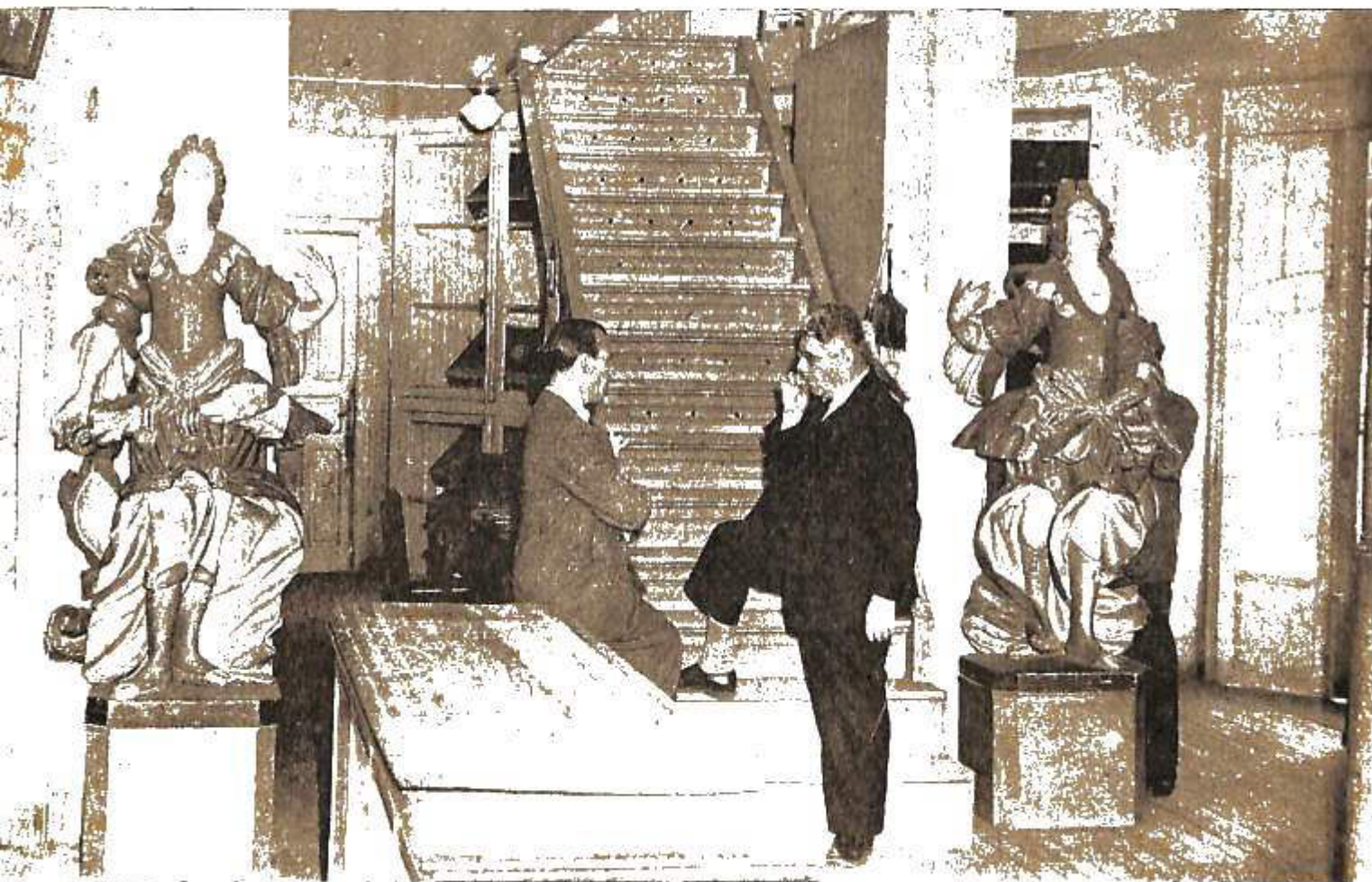
— Sim, o senhor quer abrir as imagens nas costas, está certo. Mas como sabe que elas têm um buraco ali? — perguntam incrédulos.

— É o meu "ouvido cônico". Depois de um curso nos museus de Porto Alegre, São Leopoldo, e Sete Povos, eu me especializei nos da Bahia, de Minas e da Argentina... O São Simão Stock do Ateljadinho, em Sabará, é um caso que eu diagnostiquei. O São Francisco de Borja, obra de Brasanelli, em nosso Estado, é outro. Só pelo ouvido...

— E abriu êses?

— Quer dizer: abrir, não abri. Mas que êles têm caverna, isso têm!

— Bem, desde que não estrague "as bonecas"...



POR um período de tempo que se aproxima dos 100 anos, êstes dois tocheiros (as "bonecas do Postiga", como são chamadas pela

porto-alegrense) esconderam um curioso segredo, que vem de ser devidamente desvendado, numa paciente e laboriosa pesquisa.

Odor de Santidade

com cavernas nos pulmões.

CARLOS GALVÃO KREBS

Porque, sabe?, elas são uma reliquia da raça, ou melhor — mascote. Quando alguém precisa de bons armadores é só ir até a Postiga, "ali onde tem as bonecas", compreendem?

— Sim, Compreendi.

No dia apazado, lá estava uma equipe. O "clínico", o fotógrafo para acompanhar todas as fases da operação, e o "cirurgião" Carlos Rembowski, especialista no trato de madeiras.

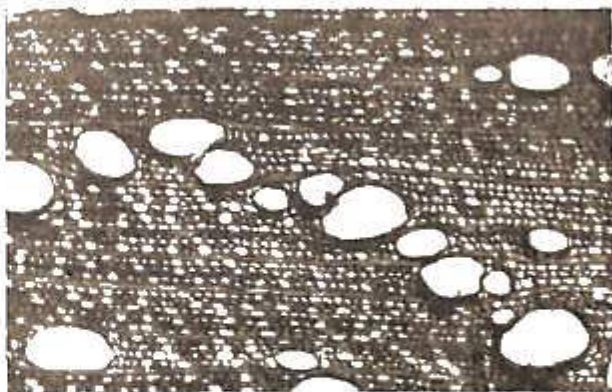
Designado o campo operatório, os formões e a serrilha entraram em ação. Se não houvesse nenhum buraco? Nem é bom lembrar. Mas não houve tempo para nada. A tinta cedeu e a serrilha penetrou a massa, não encontrando resistência entro a madeira da tampa e as bordas da cavidade. O repórter acertara.

E agora haveria alguma coisa lá dentro? Por que se teria feito aquilo? De onde vieram as imagens?

Nada mais havia lá dentro. Vieram de Portugal as imagens, segundo a tradição da firma. Sem perda de tempo retiramos material das estátuas e das tampas, para exame de laboratório.

Só um homem nos poderia ser útil, no Rio Grande do Sul. É o professor Alarich Schultz, lente de História Natural e chefe do Gabinete de Identificação Micrográfica de Madeiras, do Instituto Tecnológico. Pertence a uma família de loucos, como ele mesmo diz:

— Cada um com a sua mania. Um dos meus irmãos anda por esse Brasil a fora catando coisinhas



CORTE transversal da madeira do álamo em microfotografia. Os claros são os vasos da planta, por onde sobe o alimento líquido.

dos índios; etnógrafo... Outro é músico (quem não conhece Walter Schultz?). E eu sou botânico.

Além de botânico, é herói de uma das mais espantosas aventuras educacionais vividas no Brasil. Formado em Marburg, Alemanha, (tese defendida com distinção), teve de registrar seu diploma no nosso Ministério de Educação e Saúde. Aconteceu que pegou fogo em algumas dependências do Ministério e lá se foi o diploma. A todas essas, a Alemanha em guerra. E aqui, o fiscal federal obediente à lei, insistindo para que regularizasse a situação. Terminada a guerra, desesperado, aproveitou um amigo em viagem para a Europa. Dentro de poucas semanas, da Alemanha derrotada e "colonizada", chegava uma segunda via salvadora.

Pois, se tiverdes algo para esclarecer a respeito de madeiras, levai-as ao professor Schultz. Bastam dois centímetros cúbicos. Nada mais. Ele as entregará ao José, um prôto muito interessante que prova duas coisas ao primeiro contato: a inexistência de racismo entre

Cont. na pág. 77



E AQUI está o segredo a descoberto. As duas imagens apresentam cavidades nas costuras. As tampas que as ocultavam não são de ma-

deira europeia. São de madeira nativa, o que indica que foram colhidas ali, depois de ter sido retirado o possível contrabando.

Antisardina
É TÃO SUAVE COMO
A BRISA DO MAR...

ANTISARDINA n.º 1
é tão suave que traz uma sensação agradável à nossa
cúis como a brisa varizosa do mar.
Lucy Cavare

chegavam-se, afastavam-se, apareciam e se embrenhavam na mata, em busca de mais flexas.

Aos poucos, pareciam ganhar confiança em nós, não se furtando a abraços que lhes dávamos. Um detalhe, porém, os fazia espumar de terror: era quando o "cameraman" focalizava sobre eles sua máquina cinematográfica.

Sempre que os índios se embrenhavam na mata, era impossível fotografá-los ou cinegrafá-los. Por isso, com o intuito de atraí-los para a clareira da margem, tentei uma solução: acesnei a um com quem havia acabado de trocar objetos e que se lá afastando, rumo ao bosque, com o facão que trazia consigo. Mostrei-lhe bem o objeto e, depois, finquei-o no chão, sentando-me junto, querendo fazê-lo entender que, se não viesse até onde eu me encontrava, eu não iria ao seu encontro, tão pouco lhe daria o cobigado facão. Deu-se, então, o inesperado: o Navante em apêgo, que durante toda a minha mimica não se cansava de gritar um aluvião de palavras entrecortadas, acenando com ambas as mãos, pôs-se a rir o mais

sadio dos risos, exibindo sua dentadura esplêndida.

A explicação do fato deu-m'a o intérprete quando, só na noite imediata, pôde coordenar e expressar as idéias: o Navante com quem eu estava mantendo o desencontrado diálogo, dizia em sua língua:

— Vou apanhar mais flexas. Se quiser, pode vir comigo. Se não, "sente-se e espere"...

Aconteceu que nesse momento eu me sentava e foi calculando ter sido compreendido que o selvícola se pôs a rir, satisfeito.

O encontro prolongou-se por quase duas horas entre risos, exceto quando a máquina cinematográfica fazia ouvir o ruído de suas roldanas.

Um dos índios deu-me a "sua roupa": um cordão fino, tecido por eles mesmos, que amarram à cintura e sem o qual todos os índios se julgam nus, tirando-me — salientemos que com gentileza digna de um embaixador francês — o facão que eu trazia à cintura. Outro amarrou-me ao pescoço o colar que usava.

Estava feito o primeiro e histórico encontro.

UMA CENTENARIA...

Cont. da pág. 47

Sergini (operetas), de Riqu Sayão, de Dulcina, de Procópio, dos mais famosos concertistas do mundo. Entretanto, o velho Lima — que cuida da casa desde a sua fundação e tem 66 anos de idade — é otimista. Ele considera o "Guarani" sua "filha mais velha" e me declarou:

— Já testemunhei coisas inesquecíveis, aqui. E ainda espero ver muito mais.

Este, senhores, é não mais, é o registro que pretendo fazer aqui com uma reportagem assim ligeira.

Despertaram-me a atenção para um fato e faço o mesmo com os leitores. Que fique claro isto: levanto a questão, levanto-a principalmente apoiado na sugestiva e madura arte de Ed Koffel. No mais, saudosos do refrescante uísque e da rastreadora Nash, apenas repito com a mesma convicção do meu prezado gaúcho autêntico:

— Há uma centenária tradição de teatro, em Pelotas!

CONTRABANDO...

(Cont. da pág. 43)

nossos cientistas, e que é possível subir de bedel do Colégio do Estado a aluno da Universidade.

José faz a preparação. Mete a madeira no microtomo, corta lâminas com a espessura de vinte milésimos de milímetro, passa-as num corante apropriado e as ajeita em chapinhas de vidro transparente. Vem então o professor Schultz e as coloca no microscópio. Bate uma microfotografia, examina a lâmina com atenção e começa a pesquisa. Às vezes imediatamente, outras, meses depois — sempre nos dá a solução.

No nosso caso, o assunto durou meses. Afinal nos disse:

— Tanto tempo para identificar aquilo ali...

E apontava irônicamente com o lábio inferior: os álamos dos canteiros entre os trilhos do bonde, na Ave-

nida João Pessoa. Era a primeira vez que identificava o álamo dessa forma.

As imagens eram de álamo. E esta árvore não existe nativa na América do Sul. Aqui, só como ornamental, importada, dessas que as Prefeituras põem nos passeios, para embelezar as avenidas. E isto, muito recentemente. Mas o álamo existe na Europa mediterrânea. Confirmava-se assim a tradição da casa, dando Portugal como origem das "bonecas".

Surgiu aparentemente uma dificuldade. A tampa de uma das cavidades era de cedro, e cedro brasileiro. Mas, ao contrário, a dificuldade explicava ainda melhor. Na realidade tudo estava agora muito claro. Aconteceu simplesmente isto: aproveitaram-se as imagens, ou elas foram feitas especialmente, para passar contrabando de Portugal para o Brasil. E contrabando fino, de pequeno

Cont. na pág. 80

volume e grande valor, dadas as dimensões das cavidades: 30 X 10 X 7 centímetros, mais ou menos. Aqui chegadas, o destinatário afortunado inutilizou a tampa de uma delas ao retirar-lhe o conteúdo. Fêz-lhe outra tampa, com a madeira que estava à mão.

Ora, viva! Já se vê que os jesuítas das Missões não foram os únicos no engenhoso processo. Se eles não pretenderam remeter daqui para a Europa suas imagens esculpidas nas reduções sul-americanas do Prata e do Uruguai, pelo menos se utilizaram delas para depositar certos valores. Exatamente como os astutos portugueses que embarcaram de lá para cá as "bonerías" do armador Postiga. E, pelo menos, o que nos ilustra algumas imagens de santos do ciclo jesuítico. O Museu Júlio de Castilhos, desta Capital, possui duas delas muito interessantes. É só visitá-lo e "olhar" a tonsura na estátua de São Francisco Xavier e o lado direito dos quadris daquela outra figura menor. Dizem os interessados que tais nichos eram para não rachar a madeira, para diminuir o peso da imagem... Acredite, se quiser.

Porque há também aquela história que a crônica da cidade registra. A do homem que importava (era muito piedoso) grandes imagens de santos para doações. Só que, casualmente, elas vinham cheias de notas de banco falsificadas!

Contrabando em nome de santidade...

TUDO COMEÇOU...

(Cont. da pág. 41)

Europa por Napoleão, as multidões que o acolhem, para umas o "Libertador", para outras o "Invasor", o embarque da família real para o Brasil, Pedro com 4 anos apenas, a adaptação à nova terra, a juventude inquieta, os amores, a marquesa, o amor à pátria de adoção, o sentimento e o pressentimento de que ela se bastaria a si própria e que podia deixá-la dirigir os seus destinos. Sente-se que um dia ele fará essa história.

E Antônio Villar fala agora do Festival de Veneza, que vem de assistir. Está apaixonado pelo "Hamlet" de Laurence Olivier, pelo "Processo" de Pabst, em que se sente em cada metro do filme a marca, a garra do "metteur en scène". Tem um entusiasmo sem limites pelo neo-realismo que vem marcando o cinema italiano e o cinema francês. Rossellini, Visconti e Castellani são nomes que ficarão na história do cinema. "Città

aperta", "Germania — ano zero", "Amore", com diálogos de Jean Cocteau, "Paisá", "Vivere in Pace". São momentos de arte pura, páginas de tela que não envelhecerão nunca.

E vem o tema perigoso da decadência do cinema americano. Por que? Excesso de perfeição técnica? Comercialismo? Os sociólogos e os sábios que expliquem. Nós constatamos, "Duel in the Sun" é um espetáculo extraordinário, afirma Antônio Villar.

— Mas falta-lhe alma... falta-lhe alma...

Mas chega de cinema. O galã também quer saber coisas da terra que o hospeda, onde se come bem e típico? Qual é a praia mais bela? Que é marumbá? Quem é que canta um samba por ali, meu Deus do céu?

"Caiu mal o nosso Camões, numa rola refratária ao ritmo. Por maior boa vontade e entusiasmo patriótico que tenhamos, ninguém ali consegue dar uma idéia longínqua do que seja um samba do último carnaval. O casal Henrique Pongetti apela para Fernando de Barros, que apela para mim e todos juntos. Igualmente desesperados e impotentes, só conseguimos pensar numa vitrola e sugerir títulos: "É com esse que eu vou..." "Não me digas adeus..." "Rosa Maria"...

— Mas cantem... por Deus cantem...

Nem por Deus e nem por nada cantamos, que temos respeito pelos ouvidos alheios, e especialmente pelos do Antônio Villar.

E apelamos, alucinados, para um "boy" que cruza o "hall" do hotel. Este há de saber cantar.

Sabe. E o nosso "Camões" consegue ter uma idéia do que que seja o "Enlouqueci"...

desde que te vi...

Mas que estamos intimamente recalçados, numa grande humilhação musical, estamos. Coisa mais triste não se pode trautear em surdina um sambinha, acompanhado por caixa de fôfôro, a um recém-chegado ansioso de cor local.

Antes de terminar: Antônio Villar veio aqui filmar cenas de vida de Carlos Gomes, para o filme "Guarany", que vai ser feito em três línguas: português, espanhol e italiano. Três línguas que ele fala, como o francês, perfeitamente.

— O italiano também?

— Benfíssimo, afirma o galã.

— O italiano dele é uma desgraça, me garante Aida Pongetti, sem o menor respeito. Mas isso deve ser resto ainda do nosso fracasso e humilhação no caso do samba.

POR ESTES CAMINHOS...

Cont. da pág. 5

internacional consiga surpreendê-los desprevenidos".

Para um jubileu — comenta o TIME magazine — essas frases são um tanto frias e impessoais, e é bastante significativo que todos as músicas escritas para a ocasião, uma das mais populares entre os Komsomoltsy foi uma canção sentimental intitulada, *Adeus, Tovarich de Acordeão!* Ela fala da infelicidade das moças duma aldeia ao saberem que o jovem músico de sua comunidade vai embora para estudar engenharia. "Isso significa que não voltarás mais para cá... Irás trabalhar numa fábrica e esquecer nossas cantigas alegres". Todos ficam silenciosos por um instante, pensando. Depois os jovens Komsomoltsy respondem: "Não fiquem tristes; esperem até que eu termine o Instituto por aqui também. Há muito trabalho para engenheiros. De certo modo estas palavras deixam toda a gente animada.

CARTAZ... (Cont. da pág. 5)

● O MARECHAL TIMOSHENKO, o herói do exército soviético na última guerra, voltou subitamente a gozar dos favores do Sta-

CHINA

"SE O CORAÇÃO FÔR TRESPASSADO..."

A situação da China tem preocupado o mundo. Os comunistas apoderaram-se da Manchúria e uma onda de derrotismo varreu as hostes nacionalistas. O Primeiro Ministro chinês, Wong Wen-Hao, que na vida privada é um geólogo, tentou três vezes demitir-se, mas finalmente concordou em permanecer em seu posto até que Chiang Kai-shek encontre um sucessor para o posto. O exército norte-americano começou a evacuar as mulheres e filhos de seus soldados e oficiais. 120 professores de Nanquim mandaram cartas abertas ao Generalíssimo Chiang e ao líder comunista Mao Tse-tung, dizendo: "O povo de todo o país está orando para que a paz volte sem demora... Chegou a hora de salvar o último alento que resta à China... As negociações de paz devem ser reiniciadas com a finalidade de se conseguir um governo de coalizão, no qual tomem parte muitos partidos."

O líder comunista parece ter rejeitado a proposta, declarando que essa solução, isto é, um acordo entre comunismo e capitalismo seria "suprema hipocrisia e completa falência."

Um ministro nacionalista declarou: "A Manchúria é um membro que teve de ser amputado. O corpo pode viver, a despeito dessa amputação. O norte da China é um outro membro, e até esse pode ser sacrificado. Mas a China Central é o coração nacionalista — e se esse coração fôr trespassado o corpo perecerá."

Para defender esse coração o Generalíssimo contava com 400.000 soldados que se achavam nas ricas e bem irrigadas planícies que cercam Su-chow. Numa reunião do Kuomintang em Nanquim, Chiang Kai-shek exclamou: "Nossa guerra contra os rebeldes comunistas é uma guerra nacional, uma continuação da guerra de resistência contra os japoneses. Devemos estar prontos para uma luta de oito anos ou mais contra os comunistas... O governo está decidido a lutar até a vitória final!"

lia. Mandado depois da guerra para um comando no Turquestão, o marechal parecia ter abandonado definitivamente o ribalta político. Há pouco, porém, reapareceu em Moscou por ocasião da epurada com que os russos comemoraram mais um aniversário da revolução de 1917.